



*Artigo*  
*Article*

**ESBOÇO PARA UMA POSSÍVEL CARTOGRAFIA SUBJETIVA DE  
MOSSORÓ-RN<sup>1</sup>**

*OUTLINE FOR POSSIBLE SUBJECTIVE CARTOGRAPHY OF MOSSORÓ-RN*

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca<sup>2</sup>

**RESUMO:** O texto é resultado de uma conferência proferida em um evento que se propunha a repensar, por diferentes percepções a cidade de Mossoró-RN. As reflexões aqui presentes se colocam nessa perspectiva: fazer uma releitura do passado à luz das referencialidades desse momento presente. O objetivo é repensar essa cidade para além das suas construções arquitetônicas, físicas e práticas e focar seus aspectos imagéticos, sensíveis, narrativos e as paisagens sentimentais que levam os sujeitos a elaborarem suas cartografias subjetivas da cidade para melhor se relacionar com ela. Essas cartografias são menos traçáveis do que relatáveis. Elas são móveis, fluídas, flexíveis, pois se trata de dimensões que estão sempre em reconfigurações performáticas e sensitivas dos sujeitos no seu dia-a-dia. Portanto, não se trata mais de uma cidade construída para os sujeitos, mas como os sujeitos reconstróem a cidade a partir de suas emoções, significações e subjetividades. **Palavras-chave:** Cidade; Subjetividade; Cartografia; Sujeito.

**ABSTRACT:** The text is the result of a conference given at an event that proposed to rethink, by different perceptions the city of Mossoró-RN. The reflections present here are placed in this perspective: to make a reinterpretation of the past in the light of the referentialities of this present moment. The objective is to rethink this city beyond its architectural, physical and practical constructions and focus on its imagery,

<sup>1</sup> Conferência no Simpósio de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, realizado de 16 a 18 de dezembro de 2015, revista e atualizada para esta publicação.

<sup>2</sup> Doutor pela PUC/SP, professor do Departamento de Ciências Sociais e Políticas e do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais (PPGCSH/UERN), coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). Pesquisa na área da Antropologia das emoções com ênfase nas temáticas: sujeito e afetividade, Cultura, cotidiano e imaginário, relações afetivas na contemporaneidade.

sensitive, narrative aspects and the sentimental landscapes that lead the subjects to elaborate their subjective cartographies of the city to better relate to it. These cartographies are less traceable than reportable. They are mobile, fluid, flexible, because these are dimensions that are always in performative and sensitive reconfigurations of the subjects in their daily lives. Therefore, it is no longer a city built for the subjects, but how the subjects reconstruct the city from their emotions, meanings and subjectivities.  
**Keywords:** City; Subjectivity; Cartography; Subject.

Durante esse simpósio já foram apresentadas muitas imagens e falas sobre Mossoró. Uma cidade que cresce horizontal e verticalmente, mas, sobretudo, uma cidade que, humanamente, multiplica as imagens e discursos de si mesma por meio daqueles que nela moram ou sobre ela pensam.

Aqui já foram enfocadas diversas dimensões dessa cidade, físicas e humanas, ecológicas e sociais, práticas e subjetivas. Vendo e ouvindo as vozes que falaram nesse simpósio, percebe-se facilmente que Mossoró é uma cidade polifônica e polissêmica, uma cidade que tem o que dizer e, por isso, nos faz falar. Estamos aqui falando o que ela nos permite falar.

Se é verdade, como pensa Paul Connerton, que “todos os inícios contêm um elemento de recordação” (1999, p. 7) não poderia começar essa fala sem relembrar minha dissertação de mestrado intitulada “Labirintos, errâncias, vidas: um estudo sobre os nômades urbanos do país de Mossoró-RN” (1998). De imediato, esclareço que não irei reapresentar aqui esta dissertação na qual busquei os *hippes* ou “nômades urbanos” da cidade de Mossoró-RN para conhecer a leitura que esses homens faziam dessa cidade, cenário de suas cenas cotidianas. Como disse Félix Guatarri: “*toda leitura do passado está, inevitavelmente, sobrecodificada por nossas referências ao presente*” (1996, p. 122). Coloco-me aqui nessa perspectiva: fazer uma releitura do passado à luz das referencialidades a esse momento presente.

Ao longo desse evento, percebi que muitos já falaram sobre os grandes fatos e personalidades históricas dessa cidade bem como das várias interpretações sobre a sua história. Falar dessas marcas é como ir em busca de um tempo perdido, de um tempo em que a memória coletiva guarda os fragmentos mais relevantes de si mesma, para si mesma. Rememorar esses fragmentos históricos não deixa de ser uma forma de as pessoas se (re)encontrarem com pedaços de suas vidas construídas ao longo dos tempos. Na concepção de Joseph Campbell, contar mitos e relembrar as histórias passadas são formas de harmonizar as pessoas com seu mundo, com o mundo e com elas mesmas, ao mesmo tempo. É isto que pode configurar uma identidade local na globalidade do mundo (1990). E isto possui uma importância psíquica muito forte (seja pessoal ou coletiva), que não cabe agora abordar.

Para além disso, é importante reconhecer que as pessoas gostam de ouvir o que as outras pessoas pensam delas para que, assim, elas possam se recriar, reviver; reinventar-se, possam se olhar por meio do olhar das outras pessoas. Dessa maneira, elas atualizam a sua própria imagem, tanto para elas como para os outros, tanto individual como coletivamente.

Relembrar a vida de certos personagens ou certos fatos históricos é importante não só para reconstruir uma identidade local na globalidade do mundo; é importante também para não deixar cair no esquecimento aquilo que foi ou, ainda é, importante para certa comunidade. Nessa perspectiva, a história de uma cidade como Mossoró pode

ser vista como uma elaboração discursiva que se estabelece entre o que ocorreu no tempo (acontecimento) e aquilo que a memória preserva dele (o significado e a interpretação). Portanto, a história é uma (re)criação constante da interpretação, do pensamento. Penso ser importante, assim, ficarmos atentos ao fazer histórico e aos usos da história.

Não irei seguir outro caminho diferente daqueles que aqui passaram. Irei ensaiar outra forma de caminhar. O que irei apresentar aqui é, portanto, uma reflexão sobre Mossoró a partir da releitura que faço, hoje, daquele trabalho realizado de mestrado, tendo em vista a atualidade deste no que se refere as dimensões imagéticas da cidade presentes nos discursos acadêmicos, na publicidade, nos discursos políticos e festejos culturais do “País de Mossoró”, como já foi assim chamada durante esse simpósio.

Aqui, não apresento mais o que aqueles homens *hippes* ou “nômades” de Mossoró narraram sobre a cidade, mas o que eu mesmo vi, senti e percebi. Dito de outra forma, minha postura é expressar um olhar sobre o olhar que olhou a cidade e, mostrar assim, como os olhos constroem, hoje e sempre, as paisagens que eles mesmos enxergam.

A cidade não é só dinâmica, mas exige dinamismo de percepção para melhor ser concebida. Nesses dinamismos, “os olhos não vêem coisas mas figura de coisas que significam outras coisas”, como dizia Calvino (1990, p. 17). Por outro lado, Gaston Bachelard nos alerta para uma coisa extremamente interessante: “é preciso sempre se ligar ao passado e sem cessar se desligar do passado. Para se desligar do passado é preciso imaginar muito” (1990, p. 45). Se precisarmos imaginar muito para nos afastar da história, precisamos igualmente imaginar muito para nos aproximar dela e, também, ir além dela.

Durante a pesquisa meus olhos procuravam cartazes, mapas, *outdoor*, placas, momentos, “porque ali é que estava a surpresa, a promessa, a expectativa” (Calvino, 2000, p. 42) que me ajudariam a me orientar em direção aos sujeitos ditos nômades, sujeitos errantes que desenvolviam práticas desterritorializadas, faziam dos lugares os não-lugares para sobreviver, vender, passar, ser e existir. Aquilo que chamarei mais a frente de cartografias emocionais da cidade.

Meu esforço sempre foi captar os silêncios dessa cidade que não para, não dorme, mas que nos fazem sonhar e imaginar seu passado, seu presente e futuro. Mossoró é essa cidade que se diz e se (re)faz com seus eventos e com as histórias que contam sobre ela mesma. Cada detalhe revelado funciona como um pretexto para elaboração de um novo trecho da sua história. Para se ter uma ideia: as nomenclaturas, os símbolos, os vocábulos e as histórias contadas sobre Mossoró, revelam e criam outras dimensões da cidade, dimensões fantásticas e legitimantes; dimensões que tornam Mossoró uma cidade admirável, singular, expressiva, enigmática, subjetiva. Essas dimensões, para parafrasear as palavras de Michel de Certeau, tornam a cidade confiável, atribuindo-lhe uma profundidade ignorada a inventariar e abrindo-a a viagens no tempo, viagens imaginárias. Viagens que nos levam ao encontro de vultos históricos, personagens renomados e cenas inesquecíveis. As palavras, os contos, as imagens, as narrativas e os discursos são, para Michel de Certeau, as chaves da cidade (1994). Chaves que dão acesso ao que ela é: mítica.

Para captar as vozes silenciadas das ruas (cartazes, placas, *outdoor*, grafite) e as imagens errantes dos espaços (os sujeitos), foi necessário também a escuta sensível da literatura como meio de despertar, em mim, os olhos necessários a percepção daquilo que quer ser visto mesmo sem se mostrar, plenamente.

Desde aquela pesquisa até hoje, sou movido ao encontro dos sujeitos e suas narrativas, suas emoções sobre a cidade e as bacias de significados que eles constroem no espaço urbano para eles mesmos habitá-los de forma mais singular, com significados afetivos. Busco os sujeitos para captar a cidade e não a cidade para pensar os sujeitos. Isso pra mim é importante porque os estudos sobre as vidas urbanas só fazem sentidos se forem direcionados para a condição que os sujeitos ocupam nesses espaços, como eles significam os espaços que transitam, que habitam ou que tem contatos.

Penso que por trás das discussões sobre espaço urbano, territorialidade e economia urbana, meio ambiente e sustentabilidade, urbanização e desenvolvimento, o que está por trás disso é fundamentalmente uma preocupação com o ser humano, o sujeito cidadão. Sem sujeitos urbanos a cidade nada diz, nada faz acontecer, nada seria ocupado e dinamizado, nenhuma relação se estabeleceria. Tudo diz respeito às questões humanas: a vida, as ações, as relações, as construções, os significados, os valores, organização e sustentabilidade diária, aos (des)afetos vivenciados em suas trajetórias.

A cidade de Mossoró deixa, assim, de ser apenas uma selva de pedra e se transforma numa floresta de símbolos, de emblemas e de encantamentos míticos, cada um remetendo a outro e todos tecendo a aura da cidade ou a “alma da cidade”. Para James Hillman (1993), essa noção de “alma da cidade” está associada às idéias e imagens de reflexão, de memória emotiva, de profundidade, de imaginação por meio de imagens e símbolos e de relações humanas.

Mossoró, assim como toda cidade, se alicerça e se nutre das imagens, sonhos, utopias, rituais; nutre-se de personagens míticos e desejos vibráveis; das relações espaciais e do coral de vozes que ecoa no tempo e nos seus vários espaços.

Por tudo exposto até aqui, é possível considerar mais duas coisas: primeira, a paisagem urbana diz mais do que a seriedade arquitetônica, porque a cidade preserva o espírito, o aglomerado, a coerência múltipla e matizada; ela preserva um significado histórico cultural, econômico, político e imaginário muito forte. Segunda, o mundo urbano é traçado por vários traços que podem ser classificados em duas macro-perspectivas: por um lado, traços molares, conscientes, visíveis, limitados e, por outro lado, traços subjetivos, inconscientes, indeterminados, transmutantes, imaginários.

Para além dos mapas, sinalizações e cartografias físicas urbanas de Mossoró, os sujeitos nômades elaboram outros mapas e cartografias da cidade para nela transladar e se reconhecer. É assim que uma cidade é construída e reconstruída pelas práticas discursivas cotidianas e pelos sentidos que os transeuntes imprimem aos lugares, aos espaços públicos como forma de tornar a vida urbana mais aprazível ou de “renaturalizar” os lugares (*topoi*) como acontecia em *Marcovaldo e as estações da cidade* de Ítalo Calvino (1994).

É nesse aspecto que a compreensão de uma cartografia física da cidade só faz sentido se estiver em diálogo e complementariedade com uma cartografia sentimental ou subjetiva que os sujeitos elaboram para nela transitar. Em síntese: a geografia urbana da cidade pode ser entendida por meio de suas cartografias emocionais, aquelas traçadas pelos sujeitos cidadãos, expressas também nas imagens que a cidade assume ao público.

É comum falarmos e estudarmos sobre a cartografia de um lugar ou de uma cidade. Mas essas cartografias não contemplam aquilo que Guattari chama de “cidade subjetiva” (1994) e Suely Rolnik chama de “cartografia sentimental” (2011), aquelas que os personagens traçam dos lugares como uma forma de melhor se relacionarem com

eles e consigo mesmos. Essas cartografias são menos traçáveis do que relatáveis. Elas são móveis, fluídas, flexíveis, pois se trata de dimensões estão sempre em reconfigurações performáticas e sensitivas dos sujeitos no seu dia-a-dia.

Esses mapas subjetivos, essas “cartografias sentimentais” dos espaços citadinos são traçadas por meio do olhar, dos desejos, das errâncias dos personagens ou, como disse Michel de Certeau, ocorre através das práticas textuais urbanas (1994). Desse jeito, a cidade se torna mais expressiva, mais comunicativa, os *topois* se enchem de histórias, exalam e ganham sentidos, adquirem alma humana.

Andando pelas ruas e espaços de Mossoró, percebemos que os lugares estão impregnados de medos, narrativas, mitos, superstições, condicionamentos, induzem ritualizações, despertam desejos, sonhos, contam histórias e oferecem a matéria-prima para contos literários, artes e poesias populares da cidade. As pessoas definem suas andanças e seus fazeres a partir das escolhas e dos significados que a cidade tem para cada um, o que ela diz para cada sujeito urbano. Os nomes das estátuas, mercados, praças, monumentos e ruas expressam isso, pois não são vistos apenas como coisas inanimadas, mas como algo que tem vida, história, *anima*. As pedras e mármorees estão cheio de “sentimentações”, para usar uma expressão de Clarice Lispector (2015a).

A cidade possui *amina*, vida psíquica. Se ela tem alma é porque tem, igualmente, vida. A vida e a história da cidade se fundem e se confundem com a vida e a história das pessoas e de seu tempo. A *anima* urbana sustenta e é sustentada pela vida existencial de sua população.

Ao ressaltar eventos históricos da cidade tais como Chuva de bala no país de Mossoró, o Alto da liberdade, a festa de Santa Luzia e outras comemorações referentes aos personagens heróicos da cidade, percebemos que a Mossoró vive se alimentando, inclusive, da morte de certos personagens do lugar. Relembrar, torna-se, assim, uma forma de não morrer. Falar das mortes é uma estratégia cultural e política para continuar vivendo. Relembrar e falar é triunfar sobre o silêncio dos túmulos. Como bem disse Boris Cyrulnik, lembrar é triunfar sobre a morte (2013). É assim que o sentido de que foi vivido reaparece. Pois, “o vivido conserva a marca do efêmero se não puder ser revivido”, como bem lembra Bachelard (1990, p. 40).

Existe uma vida da cidade que se nutre da vida existencial de sua população, como acontece com Mossoró e como nos faz crer a imagem de São Geraldo, a cidade sitiada de Clarice Lispector (2015b). Ela se reorganiza a partir das reorganizações operadas na subjetividade coletiva e individual das pessoas, nos relatos sobre acontecimentos do lugar. A cidade se auto-eco-organiza nessa dialogia com aquilo que acontece dentro de si e a seu redor. Ela sustenta e é sustentada por aquilo que Feliz Guattari chama de “auto-consistência subjetiva” (1994).

Olhando sobre os olhos daqueles que habitam e transitam pelas ruas, percebemos que os olhos que vêem a cidade não se diferenciam da cidade vista. Os olhos se fundem e se confundem com aquilo que vêem. Quem vê também se torna paisagem a ser vista. A cidade tem os olhos de quem a vê.

Engendrando-se num jogo entre a arte de fazer e o fazer da arte, o homem (re)constrói o espaço para nele habitar, (re)constrói a cidade para nela morar, humaniza a paisagem que vê e é humanizado por ela. Podemos dizer, assim, que uma cidade é feita de “Carne e pedra” (Sennett, 1997), mas é nessa objetividade e visibilidade que se enraízam as estruturas subjetivas e invisíveis dela mesma, como aquelas que Ítalo Calvino narrou em *As cidades invisíveis*.

Toda cidade é formada por dimensões invisíveis de si mesma. É assim que a cidade arquitetônica abre espaço para a sentimentalidade dos sujeitos e para as práticas de desterritorialidade dos não-lugares e, com isto, é possível captar o lado sensível da concretude de si mesma.

Se é possível dizer, como Hillman, que a cidade tem alma, a alma de Mossoró se manifesta, em grande parte, na dinâmica de suas ruas. Os caminhantes e os feirantes ambulantes, por exemplos, dão vidas às ruas. Aliás, a finalidade e a direção de uma rua são traçadas pelos transeuntes a partir de seus próprios interesses, motivações e desejos. A ideia de cidade subjetiva (Guattari) e de cartografia sentimental (Rolnik) se alicerça aqui.

Apesar de existir ruas de mão única, como falava Walter Benjamin, para os transeuntes qualquer rua é sempre rua de mão-dupla: ela leva e traz, traz e leva, é entrada e saída, ao mesmo tempo: é o próprio caminho. Quem diz a direção de uma rua são os passos dos sujeitos. Ao dar um rumo a seus passos, os caminhantes criam suas próprias cartografias emocionais, porque imprimem sentidos e histórias às ruas por onde passam. Deixam um pouco de si e levam um pouco delas consigo. Há uma cidade que carregamos em nós e uma outra que não nos pertence, que fica onde sempre esteve. A rua “guarda a fala dos passos perdidos”, como diria Michel de Certeau (1994).

Assim sendo, a rua, por exemplo, deixa de ser uma simples abstração ou mera concretude de um espaço. Ela é o espaço onde uma batalha ocorreu, um amor aflorou, lágrimas rolaram, um romance se desfez, acidentes aconteceram, passeatas surgiram e desapareceram. A rua pode ser um lugar de desencontro e encontro com o mistério vivo e errante que é o outro. Ela guarda os riscos, as mensagens, histórias deixadas por quem ali não mais se encontra.

A rua entrecruza histórias diversas. É o lugar do acontecimento. Até o amor pode surgir como um acontecimento fenomênico inesperado. Foi na fugacidade e frenesi de uma rua que o poeta francês Charles Baudelaire casualmente se deparou com uma linda mulher a quem amou à primeira vista, mulher a quem dedicou apaixonadamente o poema “A uma passante”. Na verdade, esse amor de Baudelaire aconteceu em uma rua: foi amor à primeira vista e a última vista também, já que ela desapareceu na multidão de forma tão rápida como o piscar de olhos. Nessa perspectiva, as ruas podem ser concebidas como páginas escritas da história de um sujeito e da própria cidade. Podemos compreender com isso que os verdadeiros significados de uma história são aqueles que o leitor sabe encontrar por sua conta, refletindo a respeito.

Lugar de todos e de ninguém, a rua favorece o cruzamento dos destinos humanos. Ela é traçada por trajetórias de desejos silenciosos, tecida por um repertório de “discursos bloqueados”, como diria Certeau, os discursos da publicidade, dos grafites, das marcas nos muros, nas calçadas etc. Assim, a rua medeia um conjunto infinito de relações consigo e com os sujeitos que nela transitam. Não deixa de ser o lugar onde as pessoas se cruzam, algumas relações se estabelecem e se desvanecem rapidamente: é o lugar da fugacidade dos acontecimentos, da evanescência dos desejos, da temporalidade das imagens; é o lugar da história.

Para quem vive em movimento, a cidade não para. Para quem não tem um lugar fixo para habitar, cada rua é como uma sala, cada praça pode ser um quarto, cada loja pode se tornar um espelho enfeitando as paredes de seu lar. Para quem vive nas ruas, a cidade é sua casa.

Nas ruas quase ninguém se cumprimenta; os olhares se cruzam por alguns segundos e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam, como ocorre em Cloé, cidade invisível de Ítalo Calvino. Assim como o acaso e o vento dão formas às nuvens, o acaso, a incerteza, os passos errantes dos sujeitos e suas formas de ver e sentir reconstróem, a cada instante, a paisagem da rua.

Nesse aspecto, ela é uma espécie de vetor comunicacional com outras ruas e com toda a *anima* da cidade. A rua concentra e dissipa imagens; cenas, paisagens e personagens se imbricam numa trama indefinida onde seu enredo está sempre em redação.

Se cada pessoa é um mundo, a rua torna-se um universo que concentra uma pluralidade de mundos complexos. Presenciamos na rua o “entrecruzamento de experiências e vozes” inomináveis, para empregar palavras do Certeau (1994). Além disso, a construção arquitetônica das ruas oferece a possibilidade de cada pessoa ou grupo inscrever no anonimato urbano seu símbolo, sua mensagem ou marca identitária. É assim que os sujeitos se comunicam com os espaços, com os *topoi*: atribuem nomes a eles para deles falarem.

Se, por um lado, a cidade alimenta a busca por necessidades a serem supridas (fome, sede, moradia, saúde), por outro lado, alimenta o cenário de personagens lendários, imaginários; alimenta sonhos possíveis, utopias realizáveis: as pessoas buscam a felicidade, os prazeres, as festas, a comunhão, o bem-estar.

Foi assim que comecei a perceber Mossoró: uma cidade que se descortina em sons e imagens, memórias e histórias contínuas e descontínuas diante dos olhos e ouvidos que percorrem seus espaços e temporalidades; uma cidade que não tem uma história e sim muitas histórias. Em uma palavra poderia dizer: a história de Mossoró é tecida por muitas histórias e nem todas temos como saber, entender e falar. A cidade que revela suas histórias também sabe alimentar seus segredos para que os novos aventureiros da ciência possam tomá-la como um desafio ao pensamento, a pesquisas.

É assim que uma cidade se revela ao se esconder e se esconde revelando apenas o que pode ser conhecido. Diferentemente de San Giovanni, cidade imaginária de Italo Calvino, Mossoró mesmo “não sendo o mundo todo, mas só um canto do mundo, não passa a sensação de uma cidade sitiada pelo resto” (Calvino, 2000, p. 31).

Apesar desta cidade ter muitas praças, não há mais aqueles banquinhos dos velhos que se sentavam a tarde para verem o sol se pôr e a juventude passar. Os banquinhos estão vazios e aos redores há muros altos de casas que se protegem, muros que servem para anúncios das novidades do mercado. Existe, assim, uma Mossoró por trás dos muros, uma Mossoró dentro das casas: uma Mossoró nas memórias daqueles velhinhos que viram o tempo passar e deixar a cidade como estar-agora.

Os muros e prédios altos não escondem somente os velhinhos ou as coisas velhas. Escondem vidas, histórias e memórias de um povo e de um tempo. Ao esconder isso, revela o palco ou a vitrine que se tornou seus muros e prédios novos para uma juventude que, em breve, ficará velha e vazia de si, porque não tem histórias, não tem memórias e não mais novidades.

Em tão pouco tempo é impossível falar muito sobre a complexa simbologia e significações de Mossoró, essa cidade que devido a sua singularidade, também é chamada de país: “País de Mossoró”.

Sobre o complexo “País de Mossoró”, devo dizer que nem tudo pode ser dito. A realidade da cidade é multifacetada, a cidade, por sua vez, é polifônica, os mitos são, por

natureza, polissêmicos e a história de Mossoró é uma história feita por várias histórias, para falar como Clarice Lispector.

Se é verdade, como pensava Ítalo Calvino, que “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas. Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder” (1990, p. 44). Mossoró tem muito o que aproveitarmos, porque ainda tem muitas perguntas para as respostas que possamos dar a ela.

## REFERÊNCIAS

Bachelard, G. (1990). *Fragmentos de uma poética do fogo*. Tradução: Norma Telles. São Paulo: Brasiliense.

Baudelaire, C. (2010). A uma passante (poema). In: *Revista Prosa, verso e arte (on-line)*. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/charles-baudelaire-poemas/>

Campbell, J. (1990). *O poder do mito: com Bill Moyers*. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena.

Calvino, Í. (1990). *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (1994). *Marcovaldo ou As estações na cidade*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (2000). *O caminho de San Giovanni*. Tradução: Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras.

Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes.

Cyrulnik, B. (2013). *Corra, a vida te chama: memórias*. Tradução: Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Rocco.

Connerton, P. (1999). *Como as sociedades se recordam*. Tradução: Maria Manuela Rocha. Portugal: Celta Editora.

Fonseca, A. S. de S. (1998). *Labirintos, errâncias, vidas: um estudo sobre os nômades urbanos em Mossoró-RN*. Natal: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

Guattari, F. (1996). O novo paradigma estético. In: Schnitman, D. F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.121-137.

\_\_\_\_\_. (1994). Práticas ecosóficis e restauração da cidade subjetiva. In: *Revista tempo brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v.1, n.116:5/8, jan-mar., , p. 9-25.

\_\_\_\_\_; Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Hillman, J. (1993). *Cidade & alma*. Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosemberg. São Paulo: Studio Nobel.

Lispector, C. (2015a). *A descoberta do mundo: crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco.

\_\_\_\_\_. (2015b). *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco.

Rolnik, S. (2011). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulinas, Editora da UFRGS.

Sennett, R. (1997). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record.

### **Cronologia do Processo Editorial**

*Editorial Process Chronology*

Recebido em: 19/10/2022

Aprovado em: 10/12/2022

Received in: October 19, 2022

Approved in: December 10, 2022